

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***CARLOS ALBERTO RAMOS
ALBINO***
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques

Entrevistado – Carlos Alberto Ramos Albino (CA)

Entrevistadores – Alex Varela (AV) e Dilene Raimundo do Nascimento (DN)

Data – 09/07/2006

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 2h15min

Transcrição – Maika Lois Carocha

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ALBINO, Carlos Alberto Ramos. *Carlos Alberto Ramos Albino. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 30p.

Data: 09/07/2006

Fita 1 – Lado A

DN– Vamos dar início a entrevista com o doutor Carlos Alberto Ramos Albino para o projeto “História da criação da Faculdade de Medicina Sousa Marques”. Hoje são 09 de julho de 2006, estamos no Rio de Janeiro, participa também da entrevista Edivaldo Pessoa de Oliveira. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Alex Varela. Dr. Carlos Alberto gostaríamos de saber como foi a sua infância. Na verdade, aonde você nasceu, quando, falar um pouco sobre a sua família, as suas escolas, os seus amigos de infância.

CA– Eu nasci no dia 14 do 4 de 1950. Fiz o primário na Escola Felix Pacheco, o ginásio no Colégio São Judas Tadeu até o terceiro ano quando eu fui para o Colégio São Paulo Apostolo no Méier. Fiz a terceira série e me transferi para o Colégio Brasília, aonde eu fiz a quarta série.

DN– Esses colégios ficam aonde?

CA - Na Piedade.

DN– Você nasceu lá?

CA– Não, eu nasci no Méier e de lá mudei para Piedade. Aí, eu fui estudar no Colégio Brasília, que era na rua da capela. Onde hoje é o ambulatório da Gama Filho. O Colégio Brasília era em frente e era um colégio que pagou, passou. Era chamado da Coab dos colégios. Eu terminei o quarto ano, fiz concurso e passei para o Colégio Pedro II.

DN– Esse quarto ano ainda do...

CA– Ginásial. Aí, fui cursar o agora é segundo grau.

AV – Ensino médio.

DN– Na época era científico.

CA– Isso foi em 1964 para 1965, na época da revolução. Eu como queria ser médico, eu optei por não ser médico, por fazer jornalismo, entendeu? Enquanto (?)

DN– Como é que é? Você queria ser médico, mas optou por fazer jornalismo?

CA– É. Eu queria ser médico, mas como veio a revolução. Revolução não, o golpe de Estado em 1964. E foi de 1964 para 1965 que eu passei do quarto ano ginásial para o primeiro ano científico.

DN– Você tinha que optar entre o clássico e o ...

CA– Então, eu quis fazer o clássico porque o clássico me levaria a fazer jornalismo. Então, eu cursei o primeiro, segundo e terceiro anos clássicos no Colégio (?) na zona norte.

DN– Só um instantinho. O que você acha que o jornalismo te daria?

CA– Porque na época era o pessoal que escrevia, que era contra o golpe de estado, uma série de coisas. Eu em cima disso, pensava assim. Mas, eu com 23 anos, mudei de opinião. Vi o que estava acontecendo. Fui fazer clássico e estudei literatura, filosofia, grego, enfim uma série de coisas. Quando chegou no terceiro ano clássico, eu vi que eu não tinha mais nada a ver. Pensava que queria ser médico mesmo. Aí, eu fiz pré-vestibular aonde eu fui aprender química, física e biologia que eu nunca tinha visto. Isso foi em 1968.

DN– Só um instantinho. O que você achou que não tinha a ver? Ser jornalista para divulgar o golpe?

CA– Não na época era o que a gente chamava de reacionário. (?) Eu comecei a aprender, comecei a ver que as coisas começaram a melhorar. Independente de ser a dura, de ser a época da dura. Começou a melhorar para a gente. Principalmente para mim. Aí, resolvi fazer pré-vestibular, entre no ADN.

DN- Por que você era filho de classe média e viu uma melhora nesse momento?

CA– Não, classe média não. Meu pai era barbeiro. Nos éramos 6 filhos. Ele tinha muita dificuldade em colocar 6 filhos para estudar. Cortava cabelo e fazia um monte de coisas e eu tinha que fazer alguma coisa para melhorar. Eu vi que nesses 3 anos, a coisa realmente melhorou para agente. A qualidade de vida realmente melhorou, embora tivéssemos uma vida dura nesse tempo todo. Aí, eu fui para o ADN, minha irmã tinha estudado lá. Depois houve uma dissidência do ADN e abriu o Gradiente que era ali no Méier em cima do rei da (?). Aonde eu conheci uma pessoa maravilhosa que é o dr. Enéas. Na época ele era sargento e dava aula de física para agente. Tanta historia para contar do Enéas. E fiz vestibular, igual você fez e ficamos excedentes.

DN– Você terminou então, o Pedro II em 1967?

CA– Não, em 1968.

DN– Você fez o pré-vestibular para medicina junto com o terceiro ano?

CA– Não, não. No ano seguinte.

DN– Então, você se formou em 1967. Você se formou no Pedro II, no clássico e depois fez o pré-vestibular?

CA - Isso. Eu fui da primeira turma de clássico do Pedro II, zona norte. Só ia até o ginásio, depois você tinha que ir para o Centro, na antiga Rua Larga.

DN- Marechal Floriano.

CA– Fora fundadas 5 turmas de clássico na Barão do Bom Retiro.

AV – Então em 1968, você estava no ADN?

CA– No ADN.

AV – Fazendo pré-vestibular para 1969?

CA– Isso. Quer dizer, nós fizemos em dezembro de 1968 ou janeiro de 1969. Não é?

DN– Na verdade, a inscrição foi em dezembro de 1968 e as provas em janeiro de 1969.

CA– Tem uma coisa importante aí. Naquela época, você lembra Dilene, o vestibular era unificado. Mas, a Medicina e Cirurgia ficou fora do unificado.

DN– Naquela época ainda não era unificado.

CA - Sei que a gente fez separado Medicina e Cirurgia. Lembra o que aconteceu? Teve um problema com a prova de física. Ninguém conseguiu. Aí teve um outro edital. Nós fizemos uma nova prova. Você não podia tirar abaixo de 40 em prova nenhuma, aí o edital ficou meio controverso. E o que aconteceu? Você tinha que fazer 160 pontos. Não interessava se você tirasse 100 em uma, 20 e outra e 30 na outra. Foi quando nós fomos alunos aprovados, mas não classificados. Não foi isso?

DN– Sim.

CA– Foram muitos. Uns foram para Manaus, outros para Vassouras. Outros entraram na turma de meio de ano da Medicina e Cirurgia. Muitos entraram no ano seguinte. Foi o caso do Ney, da Tininha. E nós partimos então para fazer uma faculdade.

DN– Por que você queria ser médico?

CA– Engraçado.

DN– Como você via essa profissão?

CA– Vou te falar. Nós éramos 6 vivos, o nosso irmão mais velho tinha morrido quando veio de Portugal para cá. Meu pai e minha mãe eram portugueses e meus 2 irmãos se estivessem vivos eram gêmeos. Isso eu tinha talvez, 8, 9 anos de idade, quando a minha mãe teve esses gêmeos. Esses gêmeos eram Antonio Carlos e Maria de Lurdes. E mamãe teve o parto na Herculano Pinheiro. Meu padrinho era médico e eles deviam ter 5, 6 meses de idade. Eles tiveram uma coisa que hoje não mata mais, mas na época matava. Se chamava (?). Meu padrinho cuidava das crianças, ele era clínico geral. Eu tive que ir correndo na farmácia para comprar (?), aquela coisa toda. E ali no meio daquela confusão, eu decidi ser médico. Por quê? O menino morreu em uma quinta feira, né? E a menina morreu na quinta feira seguinte. O meu padrinho naquela época não tinha como salvar a vida deles. E eu pensei: vou ser médico. A princípio, eu queria fazer cirurgia pediátrica. Eu fiquei assim até 1965.

DN– Você tinha 8 anos?

CA– 8 para 9 anos, é. Mas, aí veio 1964 e a coisa mudou. Eu optei para seguir uma carreira de confronto, de bater de frente, por causa de uma ideologia. Aí depois, eu levei uma bala de borracha na Avenida Rio Branco.

DN– Da repressão.

CA– É. E realmente as coisas melhoraram nesses 3 anos aí.

A – Melhoraram materialmente para a sua família?

CA - Em termos de qualidade de vida. Entende?

DN– Como assim? O que você está considerando como qualidade de vida?

CA– Eu não sei. Quer dizer... Na época, se tinha dinheiro, mas não se comprava nada. O dinheiro era um pouco mais curto. Nessa época, o dinheiro começou a ficar um pouco mais longo e tinham coisas para você comprar. Veja bem, eu não estou aqui defendendo nada. Eu não vou nem fazer comparação, tipo e agora e antes. Eu prefiro nem falar. Porque a gente está aqui conversando sobre o começo da faculdade e não sobre política. Porque se politizar a coisa, cada um vai pensar de uma maneira diferente. Então, nós ficamos excedentes, resolvemos fazer uma escola.

DN– Qual foi o seu sentimento, quando você foi ver o resultado? E onde você viu o resultado? Como você soube do resultado?

CA– Eu cheguei na Medicina e Cirurgia e os nomes estavam lá.

DN– Na Medicina e Cirurgia?

CA–É. Eu vi que estava reprovado. Eu não tinha tirado 40 em física e foi isso que deu a abertura para ser feito um novo edital. Aí, no segundo edital, eu cheguei e olhei e tinha feito 160, 170 pontos, um negócio desses. Eu digo: Bom, pelo que está escrito, eu estou aprovado, mas não classificado porque a lista vinha de cima para baixo. Ficou muita gente.

DN– 700 e poucos.

CA– Aí teve gente que foi para Niterói, na tentativa de se absorver esse pessoal todo.

DN– Você fez vestibular para todas as faculdades que haviam na época?

CA– Fiz. Eu queria entrar realmente para a

DN– Nacional?

CA– Não, não. Para aquela de Vila Isabel.

DN– UERJ.

CA– Eu queria entrar para lá. Nem sei por que, eram 80 vagas na época. Era muito difícil, mas, eu queria entrar para lá. Ciências médicas chamava assim.

DN– Ciência médicas do Estado da Guanabara.

CA– É, isso aí. Aí o (?) e nós resolvemos pegar (?) para gente. A gente foi aprovado, mas não foi classificado.

AV - Como é que você se sentiu nesse momento?

CA– Eu senti que se a gente pregasse a gente conseguia entrar. Era o direito da gente. Embora, tenha sido na época da dura mesmo. A gente tinha que assegurar o direito e eles realmente asseguraram o nosso direito. Então, nós começamos aquela peregrinação toda: Faculdade de Campo Grande, (?).

DN– Você por sua conta achou que era direito e ponto ou essa coisa foi discutida, conversada por aqueles que ficaram fora da vaga?

CA– Não isso foi desde o começo. Inclusive, eu não sei a declaração dos outros colegas mas, nós pegamos um pedacinho da Medicina e Cirurgia, uma salinha que foi cedida pelo pessoal do segundo e terceiro ano da Medicina e Cirurgia, uma salinha bem no canto, a direita de quem está entrando. Lá tinham duas figuras, que eu estou me lembrando agora, um era o Afonsín, que era jogador do Botafogo e o Paquetá que era jogador do Flamengo. O pessoal do segundo e terceiro ano da Medicina e Cirurgia deram muito apoio para agente. Eles liberaram a sala para agente! Uma sala sei lá, de 16 por 20 metros quadrados, tinham dois sofás, uma mesa, uma estante. Depois tenho até uma coisa para falar sobre a estante. Ali nós ficamos, ali nós nos reunimos e ali surgiu tudo, certo?

DN- Essa sala era do diretório acadêmico?

CA– Era do diretório acadêmico. Eles cederam para a gente. O pessoal antigo cedeu para que nós fizéssemos uma base, para podermos nos reunir. Foi aonde eu conheci Chico que chegou lá logo no início. Eu conheci o Francesco, o Ney, que também chegou cedo, o Adelino, que foi para a Medicina e Cirurgia, o Luizão, que também foi para a Medicina e Cirurgia, o Barbarella, o César, o (?). Quem mais? Passava por lá também, logo no começo, o Ricardo Maroi, um colega nosso já falecido. Ele também passava por lá. O Edvaldo vem depois, (?) vem depois também. Soraide veio logo a seguir. O Guido veio logo depois. Ele não veio de início, veio depois. Quem mais?

DN - Jesus?

CA– Não, não. Jesus, Claudir, Saldanha e Macaco vieram depois. Eu estou dizendo no começo. Vou te disser outra pessoa, de mulher, que chegou lá logo no começo, (?). Na época, ela era casada com o dono da Genial. Quem mais que eu lembre?

DN– Éster estava?

CA– Não lembro.

DN– Não, não. Acho que ela estava fazendo uma viagem..

CA– Não lembro. Eu sei que nós fizemos todo o negócio ali. Não sei quem deu entrada nesse negócio do processo. Eu sei que no final...

DN– Isso deu em um processo que foi encaminhado para o Ministério da Educação?

CA– Me parece que sim. Eu realmente não me lembro agora. Talvez, você se lembre até melhor do que eu. Tanto é que nós conseguimos. Então, resolvemos fazer uma faculdade. Vamos fazer uma faculdade porque a gente não tem mais lugar para ir, né? Podia ir até para Manaus. Mas, como é que eu iria para Manaus? Como é que eu iria pagar uma Gama Filho?

DN– Mas, vamos por partes. Na hora que se chegou a conclusão de que se ia fazer uma faculdade, já tinha se tentado outras possibilidades. Que possibilidades foram essas?

CA– Tinha. Veja só, quando nós éramos 700 e tantos, uns pararam pelo meio do caminho. Deram algumas opções para agente. Vão para Vassouras. É pago. Vão para Manaus. É pago. Até teve gente que foi para a faculdade do Rio Grande do Sul e aceitavam. Mas, quem não tinha dinheiro, tinha que ficar por ali. Então, tinham que construir alguma coisa para a gente estudar. Como não liberavam agente, começamos a correr atrás. Começamos com o Rocco, que era da Medicina e Cirurgia.

DN– Rogério Rocco?

C- Isso. Tem o Roberto também, Mas foi o Rogério. Talvez por dissidência, ele já quisesse fazer uma escola dele. Sei lá, mas tudo começou ali. Aí, já tinha qualquer coisa de faculdade em Campo Grande, alguns fizeram a campanha da conta de luz. Na época, tinha um desconto, da Eletrobrás, não sei bem o que era.

DN- Era como se fosse uma ação da Eletrobrás.

CA– E as pessoas depositavam as contas de luz. Teve urnas na Cruz Vermelha, na Central do Brasil, na Lapa e as pessoas depositavam as contas de luz, Depois a gente separava tudo. O que não deu em nada porque até hoje não se sabe quem ficou com esse dinheiro, né?

DN - Como é que vocês conseguiram angariar as contas de luz de tanta gente assim?

CA– Foi nos programas. Vocês querem saber de uma coisa? Na época, a Rede Globo estava começando. Foi em 1968, parece que a Globo começou em 64, 65, por aí. E nós encontramos um cara muito legal. Inclusive quem foi, ah! Lembrei de outro cara, um cara chamado Fernando Biari.

DN– Biari?

CA–Ele morava em Laranjeiras, classe média alta, jogador de basquete, 2 metros e pouco de altura. Essa cara estava com agente, quando fomos a São Paulo. Inclusive, o Davi também estava. Eu, David, Chico e Fernando Biari. Na época, ficamos na casa da namorada do David em SP.

DN– David participou também desde o início?

CA- Participou. Naquela reunião do centro acadêmico, ele não estava. Não estava nos primeiros dias, mas logo a seguir o pessoal começou a chegar. Uma semana depois, 10

dias. O Fernando Biari depois se formou pela Medicina e Cirurgia. Mas, ele batalhou para causa da gente. Então, eu me lembro que fomos eu, Chico, Fernando Biari e não lembro. Eu sei que tinha mais um. Não me lembro se era o Barbarella ou o Rogério. Nós fomos à TV Globo e lá nós conhecemos um cara maravilhoso chamado Armando Nogueira. Hoje ele é comentarista de esportes, mas, na época ele era chefe do jornalismo da Globo. Ele estava lá com aquela coisa nos ouvidos, nos estúdios. Nós fomos lá e falamos com ele. Agente contou rapidamente a nossa causa, que agente queria fazer uma faculdade e ele colocou esse troço. Então, deu a notícia nesses jornais que tinham na época e o pessoal realmente abraçou porque era muita conta de luz. Na Central tinham muitas, agente recolhia aquele negócio todo. Não sei se nessa época, você já estava lá. Isso foi para fazer a bendita faculdade em Campo Grande que não dava para os 192, seria apenas para 80. Não íamos resolver o problema de todo mundo. E não me engano eram 80.

DN– Até porque nessa época não eram 192, eram mais. Porque ainda não tinha gente que tinha desistido.

CA– Sim, eu falo em 192 porque foram os inscritos no final. Quantos tinham realmente, eu não me lembro. Eu falo em 192 porque foram quantos realmente ficaram na escola. Acabou que o negócio não deu em nada. Acabou de repente, não sei como, surgiu Santa Casa de Misericórdia.

AV – Você sabia que um grupo de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tinha interesse em criar também uma faculdade?

CA - Tinha. Veja bem, é aonde eu vou chegar. Primeiro foi na Santa Casa, que tinha o Doyle, tinha o Linhares e mais não sei quem. Já tinha um corpo docente.

DN– Mas, como é que vocês souberam disso?

CA– Não sei como a gente ficou sabendo não. Ah! Quem tem uma participação muito grande nisso também é a Aninha.

DN - Ana (?).

CA - Aquela loirinha. Ela também teve uma participação, tanto ela quanto a mãe dela e o pai, que era da Embaixada alemã na época e ajudaram muito agente. Não sei como a gente chegou a Santa Casa. Eles tinham já um grupo docente e um corpo discente. E a gente acabou fechando. Que eu lembro, Chico, eu, (?), Nilo. Fizemos aquelas cartolinas, aonde começava aquele drama todo e leva no MEC. Enfim, uma série de coisas aí. Faltava o lugar para fazer a escola, tinha o corpo docente, o discente e o lugar para fazer a escola? Aí, surgiu aonde foi. O catete 6, que era da Santa Casa.

AV – Asilo São Cornélio.

CA– Isso. Asilo São Cornélio.

DN– Esse acordo entre vocês foi intermediado? Vocês souberam que tinha os professores querendo fazer uma escola e então vocês fizeram contato com eles?

CA– Isso. Eu não me lembro bem agora como é que foi, não sei que quem fez contato com eles. Mas, ficou tudo acertado. Inclusive, esse pessoal que já era da Santa Casa, os professores conseguiram o São Cornélio para agente. Nós tínhamos o espaço, você pode ver naquelas duas fotos, para construir, tínhamos os professores e os alunos.

AV – Mas, não tinham a mantenedora.

CA- Sim. Quem é que vai manter isso aí? Aí, começamos a correr atrás. Nós tivemos na Santa Úrsula, na PUC, entendeu? Foi sugerido, não me lembro por quem ir na Sousa Marques. Porque a Sousa Marques ficava ali em Cascadura e já tinha faculdade de engenharia na época. Inclusive, tinham faculdade de engenharia mecânica. Eu lembro que eu não fui. Mas, foi feito um contato, não sei se através dos outros colegas ou dos professores. O Sousa Marques abraçou a causa, então ficou Sousa Marques.

DN– Além de você... Você sabe que em algum momento foram dois colegas a Curitiba para conversar com dona Iolanda Costa e Silva?

CA– Não conheço. Se houve, eu não sou sabedor.

DN- Você participava de todas as reuniões?

CA– Quase todas. Porque nós éramos grupos separados.

DN– Como assim?

CA– Vou explicar. O único cara que era daquela região lá, do Paraná, que morava em Itajaí chamava-se Bonifácio. Ele estudou com agente lá. Ele também participou com agente porque estava aqui no Rio. Então, ele convidou, dois ou três colegas para irem a Itajaí. Eu não fui. Não lembro se foi Chico, não lembro quem foi. Mas, foram dois ou três colegas junto com ele.

DN - Mas, aí era para turismo, para passear?

CA– Sim. Eu não sei se foram a Curitiba. Mas, falar com a dona Iolanda, não me lembro disso. Então quando eu falo das reuniões separadas era isso: criamos subdivisões tipo assim, você vai para o MEC, você para Santa Casa. Eu, Pagarelli e Barbarela íamos para a Cruz Vermelha. Porque Cruz Vermelha? Porque na época, ela era... O cara lá era... Vou te dizer quem era. Era o Paiva Gonçalves. Era o diretor da Cruz Vermelha. Então, eu fui do grupo que vou intitulado a ir para a Cruz vermelha. Para que? Para cercar o Paiva Gonçalves, que era na época tenente-coronel, não era general ainda.

DN– Ele era o líder desse grupo de professores que pretendiam fazer a escola.

AV – E amigo do Costa e Silva.

CA– É. Me parece que era por aí. Então, nós fomos para lá. Fazer o que? Campanhas humanitárias. Você imagina, você com 18 anos parar em sinal para “nego” colocar a moedinha, né? Nós fizemos também campanha para uma inundação que teve.

DN– Mas, o que significava isso?

CA– Era para arrumar donativos. Parávamos em um sinal qualquer e falávamos: Cruz Vermelha passávamos então a canequinha. Mas, nos fazíamos campanhas humanitárias. Tipo essa que teve agora para o Tsunami. Na época, teve um, não sei se foi na Malásia ou na Indonésia. Agente fazia campanha para ajuda, as pessoas mandavam roupas, agente separava tudo, colocava em um fardo. Então, ali agente começou a ficar conhecido. Na Cruz Vermelha, o dr. Paiva Gonçalves, era medico, além de ser militar. Volto a dizer que a dura foi ruim, mas, para agente foi boa. Tanto é que o (?) é patrono da gente, então tem muita coisa a ver. Então aconteceu, passamos a ser conhecidos ali e em outros lugares. Agente conheceu a dona Carmem Saione. Não sei se alguém citou o nome dela em alguma entrevista. Era uma senhora já de 70 e poucos anos, enfermeira, Ana Nery que esteve na II Guerra Mundial. Então, todo mundo a admirava. Também teve outra senhora lá, que eu não me lembro o primeiro nome, só o segundo que era Cerqueira. Onde o irmão dela era major do Exército e era ajudante de ordens lá em Brasília. O irmão dessa senhora que gostava muito da campanha da gente, muito do que agente queria fazer e ajudou para caramba e esse major Cerqueira. Não me lembro o primeiro nome dele e nem da irmã dele. Ele era amigo do Jarbas Passarinho lá em Brasília. Agente fazia as nossas campanhas todas, ia para a Cruz Vermelha, para o MEC.]

DN– Mas, nessa época o Jarbas Passarinho ainda não era o ministro da educação ou já era? Qual época que o senhor está falando?

CA– Veja bem. 1969, 1970 com certeza já era ele. 1969, não sei, mas 1970, eu tenho certeza porque fui a Brasília falar com ele.

AV – Sim, em 1970 já era o Médici e ele entra junto com o Médici.

CA– Então, foi isso aí.

DN– Essa campanha na Cruz Vermelha era nessa época? Na década de 1970?

CA– É 69, 70. Esse cara conseguiu que a gente falasse com o Jarbas Passarinho e me parece que o Chico tinha alguém do outro lado tentando conseguir isso aí. Aí, nós fomos a Brasília. Isso foi em, deixa eu ver. Nós entramos em maio de 71. Não foi isso?

DN– Sim.

CA– Maio de 71, dezembro de 1970. Estivemos lá em Brasília, se não me engano em dezembro de 1970.

DN– Porque aí já estava tudo definido. A entidade mantenedora, o local, o corpo docente, o corpo discente e as aulas não começavam.

CA– Sim, mas aí veja bem.

Fita 1 - Lado B

CA- A gente tinha entidade mantenedora, espaço físico, tinham os professores e os alunos. Só que o Sousa Marques não podia colocar 192 alunos e botar lá e arca com toda

uma despesa. Aí, começou outra briga para que o MEC fizesse um contrato qualquer. Eu não sei como é que foi feito porque eu não acompanhei.

DN– Um convênio.

CA– Isso para que nós não pagássemos e a partir da segunda turma fosse pago. A princípio, eu lembro que nas negociações, o MEC disse que pagaria a gente no primeiro ano, depois no segundo agente teria que pagar ou ela teria que manter a gente sem pagar. Depois de muita discussão, no final o MEC assumiu. Eu lembro como se fosse hoje. Ele assumiu agente do primeiro ao sexto ano e pagaria a Sousa Marques um salário-mínimo por aluno. Lembro como se fosse hoje.

DN– Isso foi discutido em uma reunião?

CA– Foi.

DN– Você se lembra quem estava nessa reunião?

CA– Agora não lembro. Estou tentando lembrar aonde é que foi.

DN– Ou seja, tinham pessoas do MEC, da Sousa Marques...

CA - Da gente.

DN– Dos alunos e dos professores.

CA– E o Sousa Marques topou embora, ele achando que um salário-mínimo fosse pouco. Nessa reunião, eu lembro, ficou se falando muito em quantos salários. Eu estava a parte escutando eles discutindo. Eu não sei se já foi lá na faculdade. Não lembro aonde foi. Ficou se discutindo se um salário era pouco ou não. Eu sei que ficou um salário e ele resolveu segurar a coisa. Ele investiu na história e a coisa acabou saindo. Em dezembro de 1970, quando estivemos em Brasília, aí eu lembro. Foi eu, Chico, Macaco, Galo e o Bayron. Ficamos hospedados em um anexo do Brasília Palace Hotel. Não sei se o Chico te falou isso?

DN– O Bayron falou.

CA– Íamos tomar café da manhã, era tipo 1 real. Ficamos lá uns 3 ou 4 dias. Era um anexo que agregava estudantes naquela época. Mas, era um negócio legal, tipo albergue, muito bom. Isso que eu lembre, talvez o Chiquinho também lembre, o Macaco, o Galo, o Bayron. Fomos para o ministério e tinha uma entrevista lá marcada com o Jarbas. Chegamos cedo por volta de meio dia, uma hora. Ele não nos recebeu.

DN- O Jarbas Passarinho? Porque também temos o Jarbas Porto.

CA– Não, o Passarinho. O Jarbas Porto era professor nosso. Ele não recebeu agente. Sentamos em uma fileira assim na porta do ministério e já eram 6, 7 horas da noite. O Chico com tudo embaixo do braço em uma pasta e o cara não recebia agente. O major Cerqueira disse que ia receber, mas não sei quem disse que ia receber, mas não recebeu porra nenhuma e nós ficamos ali com uma fome da porra porque só tínhamos tomado o

café da manhã e escurece umas 6, 7 horas, sei lá. Era bem tarde mesmo. Lembro como se fosse hoje, agente sentado em uma fileira assim. Tinha um lugar subterrâneo e veio um carro subindo preto e agente sentado ali na soleira da porta. Aí desceu o cara e falou com agente, não sei se te falaram isso.

DN– Desceu um cara do carro?

CA– Isso. O cara estava saindo da garagem. Não sei se eles lembram. Esse cara era o Jarbas Passarinho. Sei do caso e de você e vocês vão ser matriculados.

DN– Porque, ele desceu do carro?

CA– Não sei. Ele só disse que a gente podia voltar e pegou o negócio que estava com o Chico e levou. Aí, uns dias depois chegou na faculdade um negócio dizendo que era para a gente se matricular. Era para ir ao MEC ali na Graça Aranha dar nome e tal.

AV - Palácio Gustavo Capanema.

CA– É, fui lá. Já eram mais de meio dia, dei o nome e tal. Aí começaram outras. Talvez muita gente não lembre de muita coisa. Eu mesmo, não lembro de muita coisa. Isso eu me lembro que foi antes do Natal porque e passei o natal feliz para caramba. Tinha sido resolvida a coisa. Nós tínhamos dado o nome no MEC, ninguém estava matriculado ainda, mas nós tínhamos resolvido a coisa. Depois ainda fomos lá n vezes, naqueles corredores imensos e tal. Conversa com fulano não sei de tal e cicrano assim das quantas. Mas, faltavam ainda os equipamentos. Aí, eu lembro como se fosse hoje. Foi aí que entrou o pai da Aninha. A gente precisava de microscópios, acho que 60 ou 40 microscópios. Ele ficou de arrumar com o pessoal da Alemanha para agente. Acabou que eu não sei da onde vieram os microscópios para agente usar. Mas, foi ele o pai da Aninha que deu o pontapé inicial para arrumar isso aí para agente. Aí fomos conseguindo muitas outras coisas. O Sousa Marques começou a injetar dinheiro lá. Aquela lateral toda, o porão aonde tem o anfiteatro foi tudo feito e agente começou em maio. A história é mais ou menos essa daí, que eu lembre. Depois de 30, quase 40 anos. Tem 30 de formado.

DN– Tem alguns detalhes, tipo a ajuda da Medicina e Cirurgia que de repente você pode se lembrar.

CA– De quê?

AV – Quem você identificava como as lideranças principais do grupo que estavam lá dentro daquela sala na Medicina e Cirurgia? Que eram os expoentes daquele grupo ali.

CA– Eu acho o seguinte: não existiu uma liderança em cima de um. Existiu uma liderança em cima de um todo. Porque eu tive a minha parte de liderança, o Chiquinho também teve da maneira dele. O (?) da maneira dele, o Guido da maneira dele, o Barbarela também. Cada um tinha uma liderança de uma maneira. Uns eram mais agressivos, outros lideravam não pela agressividade, mas pelo ouvir e fazer. Eu acho que hoje, eu queria até colocar uma coisa aqui novamente. Existe uma corrente pró Guido, outra pró Chiquinho. Porque os dois? No decorrer disso tudo.

DN– Não estou entendendo. O senhor disse que hoje existe uma corrente?

CA– Hoje existe uma corrente, eu não sei se naquele momento não.

DN– Hoje?

CA– Sim, naquele momento não. Veja bem. O Chico é o cara mais novo depois de mim, o Guido já era um cara mais maduro. Já tinha uma rodagem maior do que a nossa. Eles as vezes nos dizia: não é bem por aí e coisa e tal. Eu era um cara mais atirado, o Chiquinho também. Então, isso desde o começo levou a uma divisão entre as pessoas. O que só veio a ocorrer no final, o Dilene. No final na nossa formatura. Essas discussões que não existem, que eu acho que não deveriam existir já vieram todas prontas.

AV - Me diz uma coisa. Qual a diferença que você vê entre o Chico e o Guido?

CA– Eu não vejo diferença nenhuma. A única diferença que eu vejo, quer dizer que eu vejo hoje na minha ótica do que aconteceu. Eu vou contar uma coisa que eu já contei para você em particular aquele dia lá. Depois do quarto ano, do quarto ano para frente, eu já trabalhava muito e pouco ia a faculdade. Ia muito pouco porque eu tinha que trabalhar demais, mas, eu fiquei sabendo que na época da nossa formatura houve uma divergência entre Guido e Chico para ver quem ia falar. Eu fiquei sabendo disso, não lembro por quem porque eu já não freqüentava mais, já estava fora dos grupos da faculdade. E por isso é que hoje se vive isso e no início não. O Guido hoje tem medo de falar com qualquer colega.

DN– Você acha que houve uma disputa digamos assim?

CA– Não, eu acho o seguinte. Massagear ego. Todo mundo gosta de ter o ego massageado. Dizer, eu sou isso eu sou aquilo. Nós fizemos uma formatura, um negócio bonito, lá na Nacional. Eu não me lembro quem é que falou pelos colegas. Veja bem, em cima disso. Eu não estou aqui defendendo Guido não. Estou defendendo uma entidade de excedentes que a gente criou, nós formamos e hoje nós somos médicos. Agora, veio aqueae pecha em cima do Guido de que ele havia sido dedo duro dos homens. Dilene, deve ter sabido disso pelo Macaco. Ele está com essa pecha até hoje. Eu acho que isso é criminoso, que isso não pode acontecer. Ainda mais com uma pessoa que fez tanta coisa como o Guido.

DN– Para mim isso não existiu.

CA– Para mim também não. Eu falei para o Chiquinho nessa nossa primeira reunião que tivemos agora no La Mole. Eu falei com ele (?) Quer saber de uma coisa? Vai se fuder. Então eu arquivei e guardei. Ele achou que eu estava defendendo o Guido. Não estava defendendo o Guido, estava defendendo o direito do cara de se incorporar agente, de não ser alijado. Quando eu falo, se eu falar que você vem ou outro colega nosso vem, ele se joga daqui para baixo e eu acho que isso não é legal.

DN– Mas, Oh Carlinhos você não acha que também...

CA– Eu não sei quem criou isso

DN– é uma posição que o Guido assumiu para ele?

CA– Assumi desde que se formou. Não sei o que é a verdade. Mas, o que ele diz é o seguinte. Posso botar ele na linha agora com você. Ele diz: Carlinhos, eu canso de passar por colegas de turma nossos e eles virarem a cara para mim. Ele me falou n vezes. Eu passo por colegas de turma e eles não falam comigo. Que é isso, Dilene? Isso não existe. Não pode existir realmente.

DN– Agora, o Guido continuou professor na faculdade?

CA - Continuou.

DN– Ele continuou encontrando inclusive alguns colegas de turma.

CA– Antes de entrar nisso aí, eu quero te falar um outro episódio. Do (?). A gente não estava na faculdade ainda, ou melhor, a gente não era aluno ainda, mas, já existia um espaço e ali nós nos reuníamos. Houve então uma divergência entre o Chico e o Guido.

DN- Antes da escola começar?

CA– Antes de a escola começar, mas, já havia esse espaço. O Guido dava aula e um curso pré-vestibular se não me engano na Álvaro Alvim, Senador Dantas. Ele dava aula lá não sei de quê. Houve uma discussão entre o Chico e o Guido já nessa época. O Guido pegou e disse: Ah! Então eu vou embora! Pegou e foi embora. Ficou uns 3 ou 4 dias sem aparecer.

DN- O Guido desaparecia as vezes.

CA– Pois é. Lá nesse cursinho na Senador Dantas, Álvaro Alvim ou Marrecas, era por ali. Em uma dessas três ruas ali, em um sobrado. Nós fomos lá conversar com o Guido e falamos: Vamos embora Guido, o que é isso? Deixa para lá essa porra. Já tinha essa rixa antiga que eu acho até que foi benéfico. Acabou que a gente conseguiu alguma coisa. Não foi maléfica não. E o Guido voltou. O Guido tinha se afastado.

DN– Agora você sabe por que que era essa rixa? Nem tinha começado a escola ainda.

CA– A questão é a seguinte. Veja bem. Eu, Chico, ele, outro a gente pensa de uma maneira. O cara que é mais maduro pensa de outra maneira. Vamos lá! Eu dou uma porrada nele e consigo a coisa e outra coisa e chamar o cara para conversar. Acaba que se consegue a mesma coisa. Mas, leva menos tempo. Mas, a gente vai conseguir. E o Guido era um cara de perai, vamos conversar. Era um cara de conversar e agente mais atirado. Eu acho que as duas coisas foram benéficas para agente. Um mais ponderado e o outro mais agressivo. Agressivo que eu digo no bom sentido de vamos fazer agora, vamos para frente. Não vamos fazer daqui a pouco, entendeu? O Guido teve participação e então, começou a bater de frente com o Chico e eu ficava no meio ponderando também dizendo: Peraí, pô! Eu acho que os dois lados estão certos então vamos tentar. Agora aquilo que te falei e vou voltar a falar. Se o Guido hoje está com esse estigma de que era dedo duro. Se era ou se é, eu também não sei. Agora, se ele era, Deus que o abençoe porque ele ajudou a gente pra cacete. Eu vi tudo saindo do jeito que a gente queria, que era abrir a faculdade. Se era, eu não sei mas, também se foi, foi ótimo para agente. Que junto aos homens, ele liberou agente.

DN—Agora Carlinhos, eu queria te perguntar um negócio. Na verdade, porque uma divergência entre Guido e Chico e a (?) de uma dos dois teria dado tanta importância para o movimento.

CA— O que eu acho é o seguinte Dilene. Ninguém pode ser maior do que a instituição, do que a gente quer fazer. A gente não tem esse direito de ser pai da criança. Foi uma causa que nós todos tomamos. Um fazendo mais do que o outro. Não foram os 192 que ficaram a frente da coisa. Como você que chegou um pouco depois, quem chegou antes não pode querer ser o dono da história. Os donos são os 192 alunos.

DN— Você acha que o grande problema era esse? Que um dos dois ou os dois queriam ser donos da história?

CA— Sim.

DN— Não era só uma questão de forma, de conteúdo de produzir o movimento mas, era o desejo...

CA— Sim, de achar que estava sendo feita a coisa. Eu que fiz e não fui eu que fiz. Nós fizemos. Houve quem trabalhou muito e militou e quem não militou e depois foi lá fez a inscrição, estudou e está bem. Não existe isso. O que existe é uma faculdade e 192 pessoas trabalharam. Ninguém trabalhou mais do que ninguém. Eu não trabalhei mais do que você embora, tenha chegado antes. Eu trabalhei para mim. Você chegou depois e trabalhou para outros. Trabalhamos para quê? Para um grupo, para que saísse.

DN— Ao trabalhar para si todos foram se beneficiados.

CA— Isso. Trabalhamos para si e beneficiamos todo mundo independente de dizer que estava fazendo para si somente. Todo mundo trabalhou e ninguém pode chamar para si. Dizer na verdade, eu trabalhei mais, eu sou melhor. Não é por aí, Dilene.

AV — O dr. Edvaldo¹ tem uma opinião também sobre essa polaridade Chico e Guido.

E — Eu sou muito amigo dos dois. O Guido frequentou a minha casa. A mãe dele fez amizade com a minha mulher. Ele é padrinho de um dos meus filhos. Nós tivemos uma ligação muito forte. Nessa história do DOPS.

DN— Do quê?

EO — Do DOPS. Dele ser bicudo, agente. Nessa história, eu tenho certeza, tenho autoridade para afirmar porque eu vivi o dia a dia do Guido. Então, como eu estava dizendo. Participei da vida íntima do Guido, junto a família dele inclusive. Nós íamos estudar lá no centro. Naquela casa do estudante universitário, o CEU. Aonde era o diretório Paschoal Carlos Magno. Então, o Guido ficou muito amigo do (?). Então, nós íamos estudar lá. Eu, ele, Araújo e tinha mais alguém que eu não me lembro. Sei que era eu, Guido, Araújo.

DN— Mas, isso depois da escola ter começado.

¹ Edvaldo Pessoa de Oliveira (EO).

EO – É depois. Mas, antes eu já frequentava a casa do Guido e ele a minha casa e nesse tempo também eu conheci o Chiquinho e também frequentava a casa do Chiquinho. Ele morava lá no Cachambi. Conheci os pais dele, a irmã, o cunhado. Eu frequentava as duas casas igualmente e tinha um respeito muito grande pelos dois. Isso que o Carlinhos está dizendo é também a minha opinião. Houve sim uma disputa de poder. Uma vez, a Dilene falou isso para mim e caracterizou muito bem. Alguém querendo ser o maioral e o ego fica ferido por não ser reconhecido por isso. E para alcançar isso aí, ele faria qualquer sacrifício.

DN–Quem?

EO – O Guido e o Chico.

DN– AH! Ambos faziam.

EO – É ambos. Eu notava que não havia ali nenhum panorama assim de corrente para um ou para outro. Havia sim, todo mundo reconhecia. O Chico e o Guido foram os líderes da campanha. Estão sempre a frente discursam e coisa e tal.

DN– Só uma coisa. Na sua opinião, você acha que os dois se destacavam em relação ao resto do grupo que também era liderança do movimento?

EO – Exatamente. O Chico sempre teve aquele jeito caloroso de falar, de se empolgar. O Guido já era mais reservado. Aquela fala mansa dele. Então havia um choque entre os dois e cada um queria que prevalecesse a sua opinião. Isso gerou essa disputa e cada um querendo mostrar que o trabalho dele era mais importante. O que não era, entendeu? Eu acho que o grupo cresceu justamente por causa da união. Eu por exemplo, que participava pouco. Eu trabalhava e quando nós começamos eu já estava casado. Eu participei muito. Inclusive, eu a Cidinha. Ela tinha um fusquinha vermelho. Morava ali na Moncorvo Filho. Agente saía lá para Campo Grande, Itaguaí para pegar conta de luz e livros. Depois que teve aquela exigência do MEC que a biblioteca tinha que ter não sei quantos volumes. E agente ia, contatava viúvas de médicos. Sempre que morria um, ligávamos porque lá tinham muitos livros. Eu lembro de ir ali na Praia do Flamengo, corremos a Praia do Flamengo toda. Aqueles apartamentos magníficos, bibliotecas enormes. Teve uma que disse: olha, leva tudo porque ninguém mais na família quis fazer medicina. Meus filhos são arquitetos. Então, esses livros vão ficar aí e as traças vão destruir. Eu e a Cidinha pegamos aquele troço enchemos o fusquinha e o fusquinha saiu de lá arriado. Então, eu acho o nosso trabalho era como de uma formiguinha. Era pouco, mas era importante também. Entre nós não havia disputa. Tipo eu peguei mais livro do que você, eu peguei mais conta de luz. Agente anotava 500 livros e ponto. Agora com o Chico sempre havia uma certa disputa.

CA– Era como eu falei anteriormente. Foram feitos vários segmentos e cada um fazia uma coisa.

EO – Exatamente.

CA- Então, eu acho que o importante foi (?) foi fazendo aos pouquinhos, pouquinhos.

EO – Isso mesmo, trabalho de formiga.

CA– Interessante que a gente era muito jovem ainda, muito novo, mas, tudo era levado na reunião. Era debatido exaustivamente. O que a gente ia fazer amanhã. Quem ia para cá, para lá. Isso o que ele falou. Pegar livro, pegar conta de luz na Central que eu já tinha falado. Então, embora a gente fosse muito novo, 18, 19, 20 anos. Tinha-se uma mentalidade que hoje não se tem mais. Talvez eu ainda tenha. A gente conseguiu fazer isso, eu acho que o mais importante foi isso. Para mim, a coisa mais importante é trazer o Guido novamente para o nosso lado.

EO – Carlinhos, mas, isso nós não vamos conseguir.

CA– Mais de um ano que eu estou tentando isso aí, entendeu? Ele fala comigo, mas fica temeroso. E o Guido está doente. Aí junta a doença dele que ele não está conseguindo nem falar direito com o medo dele ser agredido. Não de ele tomar um tapa na cara, é claro! Não é isso. Mas, agredido talvez com uma palavra. Até com um olhar. O que eu não acho legal. Eu fico triste, mas muito triste mesmo do Guido, que foi uma pessoa importante na campanha da gente, estar aparteado. Não que a gente tenha aparteado ele, mas, que a gente se sinta aparteado, entendeu? Isso para mim é triste. Por isso, que eu vim relutando esse tempo todo em falar. Eu não queria falar. Queria falar com o Guido. Liguei para ele, antes de ontem, ontem. Ele não quis vir aqui. Eu disse: eu vou na tua casa e ele falou: eu não vou te receber. Por problemas pessoais porque ele sabia que eu não ia sozinho. Eu falei que você ia para gravar entrevista com ele porque era importante. Ele não quis e isso me deixa extremamente triste.

EO – Mas, ele está muito magoado.

CA– Sim. Eu não sei como é que a gente tem que fazer. Achar alguma maneira para ele voltar para o meio da gente. Eu acho que isso é o mais importante nesses 30 anos da gente. Porque é o cara desgarrado.

DN– Agora Carlinhos, por outro lado, a gente pode pensar. Pelo menos nesse projeto, o Guido não estaria totalmente fora ou aparteado. Ele não vai estar na mesma medida em que vocês que estão concedendo entrevista. Mas ele, de toda forma vai estar dentro do projeto. Uma forma pelo depoimento de vocês outra por documentos que a gente tem. Documentos que foram assinados por ele. Então, a figura do Guido de toda forma está presente nessa história, entendeu?

CA– Mas, não está na fala.

DN– É claro, que o mais importante seria ter a fala dele. Mas, ele se recusa. E a gente não pode deixar de fazer esse projeto que eu acho da maior importância porque o Guido não está querendo conceder a entrevista. Agora, eu perguntaria uma coisa em função disso que vocês estão falando. A divergência, um certo conflito, uma disputa entre Guido e Chico começou antes mesmo de iniciar a escola. Houve por quanta disso, algum desejo, alguma ação, algum movimento do resto do grupo que era a liderança desse movimento de tomar a frente ou de ocupar algum lugar nessa história?

CA- Que eu lembre só teve uma vez...

DN– Só para completar. Quando começaram as aulas, houve representante do corpo discente no conselho departamental, não sei de quê, enfim. Minha pergunta é o seguinte. Se houve algum movimento no sentido de ocupar o lugar do Guido e do Chico?

CA- Não, não. Presidente do diretório, disso ou daquilo, não, não. Eu só lembro de um fato de que uma vez até por conta dessas divergências entre Guido e Chico. O (?) foi interceder entre Guido e Chico. Até porque ele queria ser um terceiro na história. O (?) realmente era muito (?). Um italiano que falava duro e tal. E queriam fazer talvez aí, uma terceira liderança em cima da coisa. Ele teve uma discussão com o Chico e tal. Mas, isso ao logo acabou e quando a gente se matriculou e começou a estudar, eu não lembro de ter havido problema nenhum como representante da turma junto ao conselho docente, representante junto ao coronel Paiva. Eu não lembro disso não. Se houve, eu não sei.

AV – E me diz uma coisa. Como você mesmo já mencionou por várias vezes. Aquele momento ali, 1968, 69 era o auge da ditadura militar. Momento de atos da censura, da tortura, da violência, de tudo.

Fita 2 - Lado A

AV – Então, 1968 para 69 era o auge da ditadura militar, momento mor da censura, da tortura, da violência. Momento de maior repressão ao movimento estudantil. E tinha como uma das questões, a questão da reforma universitária, a absorção da questão dos excedentes, tudo mais. Vocês não estavam fazendo movimento de rua, piquetes, de manifestações de crítica ao governo. Mas, vocês saem para defender uma causa de vocês naquele momento ali de auge da censura, ou seja, qualquer contestação aquele regime ali por mais branda que fosse as vezes podia ser motivo de repressão. Vocês naquele momento estavam questionando uma coisa. Vocês queriam a vaga de vocês, né? Como é que você vê? Vocês queriam lutar pelo que era direito de vocês. Mas, o governo poderia dizer assim: não tem direito e pronto. Vocês iam ter de se calar, correto? Como é que você vê o movimento de vocês naquele momento ali.

CA– Eu te digo uma coisa. Quando nós começamos esse movimento. O movimento da gente já tinha sido reconhecido como justo, como válido.

DN– Por quem?

CA– Pelo governo. A gente foi aprovado...

DN– Mas, de que forma o governo reconheceu isso?

AV – Primeiro vocês se organizaram.

CA– Organizamos.

AV – Mas, então qualquer tipo de organização naquele momento....

CA– Era difícil.

AV – Exatamente.

CA– Um ato qualquer podia ser visto como subversão. Mas, eu falei no início aí. Nós fomos apresentados e eles admitiram que a gente existia. Bom, eles existem, então eles estão certos. Porque tinha um edital então, dentro do edital, eles poderiam dizer para agente: vocês não têm direito de nada. Se a gente estivesse na ilegalidade naquela época, quando começamos tudo na Medicina e Cirurgia. É ilegal, então a gente podia ir para a rua fazer piquete que a gente ia tomar pancada, mas, não sei porque, reconheceram agente como legal Não estou defendendo nada. Mas, se a dura reconheceu os nossos direitos. A gente não fez piquete, mas nós fomos para a rua. Foi o que eu te falei, ficamos de canequinha e coisa e tal.

AV - Sim, mas, não peitavam.

CA– Veja bem. A gente estava em cima de uma história toda. A gente queria fazer uma faculdade e o governo queria que a gente fizesse. Eles não queriam 192 caras, reclamando com eles. Mas, pô os caras estão certos e nós nos imbuímos não de fazer críticas ou partir para o confronto. A gente queria fazer o quê? Uma faculdade. Então, a gente ia para a rua, para a televisão, para os jornais, como o Jornal dos Sports. Que davam notícias de interesse da gente que era fazer uma escola para os 192 estudarem. A gente só queria ajudar e nisso o governo ajudou. Se tinha alguém no meio da gente que repassava isso, que a gente pensava para eles, nossa muito bem. Graças a Deus que tinha gente lá. Como na época, você não lembra, que tinha um cara que vinha junto com a gente que vinha junto com agente, Dilene. O sobrenome dele era Navarro. Já ouviu falar desse cara?

DN–Todos comentaram.

CA– O Navarro era um cara que era tenente do exército, uma coisa dessas qualquer. Que a gente achou que estava infiltrado lá. Ele acabou se formando pela Medicina e Cirurgia. Pô se ele dedasse a gente tipo: esses caras não estão a fim de fazer nada. Então, por isso que eu acho que não tinha nenhum cerne político na gente. A gente não tinha ideologia política nenhuma, se o negócio estava bom ou não estava, queríamos era fazer a escola.

EO – Eu acho que uma pessoa que ajudou muito, não no início, mas logo depois foi o Jarbas Passarinho. Antes mesmo de ser ministro, ele abraçou a nossa causa e ele foi um dos responsáveis por a nossa causa ser mais simpática.

DN– Mas, o Jarbas Passarinho antes de ser ministro da educação era ministro de outra coisa.

AV - Do trabalho no governo Costa e Silva.

DN– Isso. Depois é que ele foi para a educação. Antes do Jarbas Passarinho era o Tarso Dutra na educação.

CA– Agora falar o quê daquela época? Do regime. O cara que era paraninfo da gente patrono, sei lá, o Garrastazu Médici...

AV – A discussão que eu acho que é muito interessante... porque o seguinte. Foi um episódio singular naquele momento. Porque naquele momento ali da política brasileira

nada se aceitava, como contestação. Vocês não estão fazendo uma contestação direta mas, podia da parte deles de imediato ser avaliado como isso.

CA– Exatamente. Mas, não foi. Eles acharam o seguinte: que era melhor nos ter como amigos do que como inimigos. Nós tínhamos razão. Eles tinham também o interesse em criar uma outra faculdade de medicina então, porque não juntar isso.

DN– Eles quem?

CA– O governo. Então, (?) Eles tinham um montão de problemas, então, resolve os problemas dele e a gente também fica feliz. Foi o que aconteceu.

EO – Eu acho que houve aí uma conveniência das duas partes.

DN– Você falou assim. Que o governo nos reconheceu como tendo direito a vaga na faculdade de medicina. Você consegue localizar de que forma foi esse reconhecimento?

CA - Veja bem. A Medicina e Cirurgia era uma faculdade estadual

DN– Federal.

CA– Federal. Melhor ainda. A gente foi reconhecido.

DN– A faculdade de Medicina e Cirurgia reconheceu que nós tínhamos direito e no momento em que tínhamos direito...

EO - O diretório dentro da Medicina e Cirurgia também nos apoiou muito e nos orientou. Eu me lembro disso aí, do diretório acadêmico da Medicina e Cirurgia.

CA– Claro, o pessoal da segunda e terceira turma. Eu não sei nem porque eles apoiaram a gente porque era uma faculdade de elite, tinham 100 vagas só. Quem passava para lá... Eram 3 e poucos candidatos para 100 vagas. Eu acho que eram 3.600 para 100 vagas. Então, era uma elite. Nós conseguimos entrar e o pessoal que já estava lá dentro quis nos ajudar.

AV – Posso perguntar uma coisa. Da mesma forma que eles os aceitaram podiam ter negado. Vocês pensaram nessa oposição? Como vocês reagiriam a isso?

CA– Hoje eu não penso e muito mais naquela época. No momento em que chegamos lá e vimos a lista, vimos que tinha um aglomerado de gente dentro daquele pátio pequeno. Tinha até um anatômico ali, era bem do lado do anatômico. Eles adotaram agente. Porque não me pergunte. Porque eu não sei o porque. Logo cederam uma sala para a gente lá e a base de vocês é aí. E desse embrião é que surgiu tudo. Senão, nós iríamos para onde? O Ricardo Maroi mesmo que morava ali na rua do Matoso, colocou a casa dele a disposição. Nós fizemos algumas reuniões na casa dele, que era bem do ladinho da Medicina e Cirurgia. Senão, nós não teríamos para onde ir. Nós só saímos da Medicina e Cirurgia, o dia em que nós fomos para o S. Cornélio. Nós pegamos as poucas coisas que a gente tinha e levamos para lá.

AV – E o que tinha na estante que você falava?

CA– A estante não. Teve um caso interessante, que a gente ficou até altas horas fazendo umas coisas lá, uns trabalhos e tinha um sofá aqui, uma poltrona ali. O Ney (?) deitou no sofá. Ele era comprido. O Chico deitou em uma poltrona. O (?) deitou em cima da mesa. Porra!! Eu olhei e pensei: vou deitar aonde? E vi a estante. Então, eu dormi na estante. Deitei bem na estante, era uma tabua fininha assim e eu me encostei ali. Uma fome da porra, fome de praia. Ali aonde tem a Brahma, aonde hoje é Cidade Nova. Ali tinha o depósito da Geneal. Ia eu, Chico. Não sei se o Edvaldo foi alguma vez lá. E o que sobrava. Pãezinhos, aquelas garrafinhas, pão natural, essas merdas todas que sobrava e ninguém comia. Essa bosta toda que sobrava. As 9, 10 horas da noite com uma fome da porra, fome de praia mesmo, lá ia agente. Os caras enchiam um saco de linhagem de pão, da porra toda, colocavam tudo lá dentro e agente saía com aquele troço para a Medicina e Cirurgia, para distribuir. Até o dia seguinte fazer alguma coisa, ir em casa, tomar banho e voltar para a Medicina e Cirurgia. Aquele negócio da Geneal matou muito a fome da gente e não foi um dia só, não. Foram meses matando a fome da gente. A sobra do que ninguém comia, mas também estava bom, não estava ruim não. Mas, também com uma fome da porra e com 18 anos, não há o que você não coma.

DN– Agora, Carlinhos. Qual foi o sentimento quando vocês adentraram o prédio do asilo S. Cornélio?

CA– Antes da escola. Eu não sei não. Lembro só que nós levamos as coisas que a gente tinha na Medicina e Cirurgia e acabou que eu fiz amizade com dois caras lá. Um escuro gordo, que era o Miro e um de cabeça (?) que era o Silvio. Não sei se você lembra? Eles eram responsáveis por aquilo ali. Era um cubículo aonde eles moravam. Tinha uma cozinha pequena, gostosa com uma cafeteira totalmente preta. A gente chegava ali e fazia um café. Isso é o que eu me lembro. Foram dois caras que realmente ajudaram muito a gente. Eles assumiram a gente também. Tínhamos livre acesso ali e montamos o nosso quartel general, naquela sala aonde hoje tem as nossas fotos. Ali, nós montamos. Logo que a gente foi para lá, começou a obra. Eu não sei se você se lembra, de um tal de senhor Pavan, um coroa que era o mestre de obras lá. Ele fez a mesa lá com aquela tábu de trinta, uma mesa comprida com um estante. Ali, começamos a tocar as nossas coisas, naquela sala. Até outro dia, eu estive lá. E ficamos por ali.

DN– Você sempre acreditou que ia conseguir a escola?

CA– Se não acreditasse, eu não estava lá mesmo. Se você quer saber? Estava fazendo um tanto de outras coisas. Porque, quando você acredita em uma coisa, ela tem que sair. Não pode não sair. E todo mundo acreditava, tinha um outro que não, mas era muito difícil. O pessoal acreditava mesmo. Era crente nisso. Parece que a segunda vez que eles estiveram em Brasília ou a primeira vez. Teve uma em que eu não fui. Não sei se foi a primeira ou a segunda vez. Nós nos reunimos lá. A gente tinha que ir. Fomos no carro do Bayron. Porque dinheiro não tinha. Então, corremos a sacolinha. Em Brasília agente tomava café da manhã, lá no Brasília Palace Hotel e só comia umas 4, 5 horas da tarde porque era almoço e janta. Lá conhecemos um Paraíba, prato feito, x cruzeiro. O cara gostou tanto da gente, que a gente podia repetir. Então, eu comia 2 pratos. Enchia a barriga porque depois eu só ia comer no dia seguinte, no café da manhã. Mas, foi legal!

AV – E o curso da escola de medicina? Como é que foi? Foi legal? Você gostou?

CA– Gostei, foi legal. Eu curti muito até o terceiro ano, do quarto para frente, eu me desliguei da faculdade por causa do negócio de emprego. Tinha que correr atrás, tinha de trabalhar.

AV – Você começou a estagiar aonde?

CA– Na maternidade (?) em (?). No segundo ano de estágio, eu já dava dois plantões. Um para estágio e outro para receber, entendeu? Depois eu consegui comprar um carro e a vida foi.

AV – Monitor você não chegou a ser dentro da faculdade?

CA– Não, não. Mas, fiz uma apostila. Irineu e eu. Deve ter 3 ou 4 folhas. Deve estar ainda rolando por aí. Só sobre osso. Fizemos eu e Irineu. A gente foi em um cemitério, lá no Caju. Tentamos comprar ossos.

EO – O Irineu tinha experiência porque ele já era professor de cursinho.

CA– Isso. Fizemos uma apostila de 3 ou 4 folhas, só sobre osso. A gente estava no primeiro para o segundo ano e editamos isso só no segundo ano.

DN– Você entrou na faculdade, já pensando em fazer especialidade?

CA– Não. Eu falava que eu queria fazer pediatria. Não sei se você lembra, mas eu vivia dentro do anatômico. Me chamavam até de Carlinhos anatômico. Eu ficava direto lá dentro.

EO – rato de necrotério.

CA– Eu adorava dissecar. Então, eu ficava ali. Tive uns atritos com o (?), que era professor de anatomia. A gente quase se pegou. Não sei se você se lembra? Aí, eu resolvi fazer cirurgia. O Vinhaes (?) Fiquei com tempo com ele e depois com o Esperidião que até era casado com uma colega nossa de turma. Fiz também com um outro menino que também deu aula lá, um loirinho. Fizemos até pneu com ele em Bonsucesso. Cláudio Blum. Lembrei!

DN– Cláudio Blum. Ele era russinho, bem branquinho.

CA– Isso, meio arroz doce com canela. Ele era do Vinhaes também e eu ficava lá no (?) eles Na época, cirurgia geral não dava camisa a ninguém e então, eu parti para obstetrícia. Aí, conseguimos uma coisa em cima disso.

DN– Carlinhos, você se lembra no primeiro ano da faculdade. Na verdade, o MEC abriu a escola com 192 vagas, mas, no final só tinha 174.

CA– Tanto é que veio aquele pessoal no segundo ano.

DN– Não, mas no primeiro ano mesmo.

CA– Nós não entramos com 192. Se entramos alguém começou a sair.

DN– Não, nós não entramos com 192. No primeiro ano mesmo, houve uma tentativa da Sousa Marques de completar a turma com alunos pagantes. E aí, teriam vindo uns estudantes da Bahia para se matricular na escola.

CA– Não foi no primeiro ano não. Fomos 192 sim. Mas, alguns que se matricularam lá, não assumiram, não foram estudar porque não quiseram. Outros já tinham entrado em outras faculdades. Tanto é que, eu me lembro que eles se inscreveram nos 192, mas, alguns foram chamados pela Medicina e Cirurgia. Outros fizeram outro vestibular e passaram. Eles tiveram que ir à faculdade, me lembro como se fosse hoje. Eles tiveram que assinar um termo de desistência. Não sei quantas vagas sobraram, mas elas iam ser completadas no segundo ano. Quando nós passamos para o segundo ano, foi que veio o pessoal da Bahia. Foi quando teve (?). Sabe disso, né?

DN– Não. Mais ou menos.

CA– O Fux era o chefe da radiologia do Gafree. Ele tinha um serviço no Gafree. E o filho dele foi um dos caras que estava metido com os baianos. Foi um caso interessante. Eles chagaram lá e tomaram de assalto, Estavam matriculados. Mas, eles acabaram não ficando. Esse pessoal da Bahia. Mas, entrou gente nessa segunda turma e se formou. Teve aquele cara que era major dentista aposentado que se formou com agente. Teve o André Rixa.

DN– O Rixa, o Homero, Alex.

CA– É teve um pessoal sim. O pessoal da Bahia veio conhecer a escola. E junto com ele estava esse filho do Fux. Ele tinha uma carrocinha de cachorro-quente lá dentro. Você se lembra? Os caras chegaram com uma marra da porra. Não sei quem foi, jogou catchup neles. Eles subiram e foram lá conversar com o Paiva e nós fomos atrás. Esse tal filho do Fux. Quem sabe disso é o (?), ele estava comigo nesse dia. Eu não sei o que o cara falou, tipo desconsiderando agente. Eu levantei a mão e dei logo nele, de uma vez.

DN– Mas, foi o quê?

CA– Não me lembro bem. Esse tal filho do Fux, falou algo desconsiderando. O cara falou qualquer coisa, desconsiderando a faculdade. Ele estava com uma garrafa de água mineral na mão, quebrou a garrafa e veio para cima de mim. Eu chapei a mão na cara dele de novo e joguei na janela e ele foi parar na rua.

DN– Na rua!!!

CA– É, por aquele janelão.

DN– Eu sei qual é.

CA - E o dr. Paiva ficou falando: para com isso! E eu pensei: porra vou ser expulso da escola. Aí, o dr. Paiva me chamou e a dona Estela também. Eu só pensava que ia ser expulso e o que iria falar para os meus pais. Eu expulso por uma bobagem dessas. Aí eles me passaram um sermão. Ficaram falando para eu não fazer mais isso e tal. Eu não me

lembro ao certo o que ele falou. Mas, foi algo desmerecendo o nosso trabalho, do tipo vocês fizeram e agora eu vou me matricular. Mas, ele não se matriculou nada.

EO – Os professores sabiam do nosso apego, do nosso amor por aquilo ali e qualquer coisa que se falasse sobre aquilo aí, nos pegava de jeito. Era partir mesmo para o confronto, para a briga. Não se admitia que se falasse mal da escola. Eu tinha aquela faculdade como filho, era como se eu tivesse parido aquilo ali. Porque fomos nós que concebemos aquela escola. Aquela faculdade fazia parte do meu ser. Se eu estivesse no seu lugar teria feito a mesma coisa.

CA– Me diz uma coisa. Em qual lugar do Brasil os alunos fizeram uma faculdade de medicina? Não digo engenharia e sim medicina. Vocês que são historiadores e não eu. Digam-me aí. Uma faculdade fundada por 192 alunos. Uma faculdade que coloca no mercado, infelizmente não tão bem como nós. Aonde a gente ia agente arrebentava. Falo mesmo. Hoje está tudo muito ruim. Na parte médica que eu digo. Está tudo péssimo. Eu tenho vergonha de uns médicos que atendem.

DN– Mas, aí não é um problema só da Sousa Marques.

CA– Não, de todas. Veja bem. Eu quando formei fiz concurso para o Iaserj, passei. Fiz para Federal, passei e para o município também. Eu e todos os que fizeram da nossa turma. A gente tinha que ter orgulho, realmente. Em 30 anos, a faculdade deve ter formado em torno de 6000 médicos.

DN– Pensando a faculdade como uma coisa nossa, como uma obra. Como você se sentiu, quando no segundo ano entraram aqueles alunos novos?

CA - Não porque aquele pessoal como o Luis e aquele coroa e tal, eles chegaram numa boa. Foram bem acolhidos. Uma coisa é a arrogância que aquele pessoal, os baianos chegaram. Outra coisa é aquele pessoal. Eles chegaram numa boa e não houve nenhuma discriminação sobre eles. Integraram-se logo com o pessoal.

AV – Me diz uma coisa. Como é que você via a Estela Sousa Marques?

CA– Olha, a Estela é uma pessoa... Minha impressão dela foi muito boa. Ela batalhava pela gente, Quando o Sousa Marques morreu, a gente estava na faculdade ainda. Acho que foi no quarto ano, quinto ano, por aí. Ele era gente fina para caramba. Andava pela faculdade e se você queria qualquer coisa, era só falar. A Estela era um pouco mais sisuda, mas gente muito boa. Nós estávamos no primeiro ano e fomos disputar as olimpíadas universitárias. Falamos com a Estela e pedimos material para os esportes. Foram, futebol que ficamos em terceiro lugar, atletismo, ping pong...

Fita 2 - Lado B

CA - Fizemos uma comissão e fomos falar com a Estela. Pedimos os uniformes. As nossas coras eram o verde e branco. Tínhamos até agasalhos completos. Ela comprou tudo, todos os uniformes completos, dois pares de cada. Deu tudo. Só não deu as chuteiras, que nós tivemos de comprar. O pessoal que jogava foi em uma loja. Até quem arrumou foi o (?). Lá em Botafogo. O dono financiou para a gente em 10 vezes. Íamos todo o mês lá pagar.

Compramos a chuteira Olé, que era a melhor da época. Fomos levando o nome da escola. Tinha a Gama Filho, um grupo da marinha, várias universidades. Pena, que a Sousa Marques vai sair de lá.

DN - Ainda não se sabe. Mas, parece que o (?) subiu muito.

CA- Medicina em Cascadura não tem nada a ver. Cascadura é engenharia.

EO – Parece que o contrato expirou, que era de 30 anos.

DN- Não é que não queira renovar não, o aluguel é que aumentou muito. E o próprio Conselho Federal de Educação sugeriu que seja transferido para Cascadura porque lá no Catete não tem condições de expansão.

CA- É porque o prédio é tombado. Vai expandir o quê também. Se lá sempre deu para 192, não é agora que não vai dar. Expandir o quê? Se deu para 192 a tempos atrás, agora também tem que dar para os mesmos 192.

DN- Mas, Carlinhos a tecnologia de 30 anos atrás e de agora ampliou muito, desenvolveu muito. Então, deve estar sendo recomendado tecnologias que exijam mais espaço.

CA- Perguntou eu a você. Veja bem, não estou falando de quando a gente se forma. Isso é outra coisa. Mas, digo de aprendizado, tecnologia de aprendizado. O anatômico, por exemplo, de citologia, histologia, farmacologia. Isso está nos livros. Medicina é cheirar o doente. A tecnologia vem depois. Primeiro vem a medicina. A tecnologia é complementar. Por exemplo, em 1973, 74 para se comprovar uma morte fetal, você tirava o raio x e ficava vendo a cabeça do feto. Hoje não, você manda para a ultra, ressonância, colhe líquido amniótico. Faz o cacete! Então, a tecnologia vem complementar o que você aprende nos livros. Então isso o que eles estão falando, que não tem espaço para tecnologia não tem nada a ver. Cheirar doente que eu digo é ver o doente. Hoje, os doentes chegam no teu consultório e você não bota a mão no doente, manda logo para ultra.

DN- Você mesmo está dizendo que a formação médica de 30 anos para cá mudou muito. Está se formando médicos que não cheiram os doentes, que não chegam perto dos doentes.

CA- Médicos de merda. Só são bons porque tem as ferramentas na mão. Se tirar a ferramenta dele, eles não andam.

EO – Verdade. O doente chega, diz o que está sentindo e eles mandam logo para o raio x. Se a dor é da cintura para cima, manda para o raio-X e se é da cintura para baixo, manda para o laboratório. Sério. E o próprio governo estimula isso. Naquele hospital de (?), o médico fica em um plano mais elevado. O doente diz o que foi e de lá mesmo, ele encaminha. Nem desce para ver o doente, para apalpar.

CA- Lá no hospital chega um cliente para mostrar para um colega uns exames. O cliente mostra e pergunta se está bom. O médico responde: eu não sei porque não tenho bola de cristal. Se eu tivesse, eu diria para a senhora.

DN- Isso agora recente?

CA– Deve ter um ano. Mas, o que é isso? Teve um outro médico que disse para um doente. O senhor pode torcer o tornozelo segunda, quarta e sexta porque nos dias em que eu estou aqui não já que eu não entendo nada de medicina.

AV – Carlinhos me diz uma coisa. O que é ser médico para você?

CA– Ser médico é um estado de espírito. Uma coisa que gosto de fazer. Tanto é que eu trabalhava em uma maternidade do INPS, quando fechou, só ficou o ambulatório, eu pensei: meu ciclo fechou. Meu consultório era cheio, cheio. Chegava lá às 13 horas e às vezes saía 10 da noite. Mas, eu gostava mesmo era da maternidade. Depois, eu parei. Era em Jacarepaguá, atendia aquelas favelas todas, Curicica, Cidade de Deus. Mas, eu me sentia bem. No consultório, atrás de uma mesa de seda com o doente pagando eu não me sentia bem.

DN– Edvaldo, você, por exemplo, era técnico de Raios-X, quando foi fazer medicina. Mesmo sendo técnico de Raios-X, tendo com isso uma grande experiência, você pensou em fazer alguma outra especialidade?

EO – Ah sim. Tinham coisas que me empolgavam. Dermatologia, eu era vidrado. Isso porque eu recebo orientação para fazer clínica e depois me especializar. Tanto que eu só fui fazer radiologia depois do sexto ano, em uma residência. Antes eu fazia clínica na enfermaria 18. Isso foi bom. Porque às vezes, eu olhava a radiografia e reconhecia o doente. Ia no arquivo buscar as chapas antigas do doente. Hoje em dia não. O médico quase nem olha o exame. Se vem escrito no laudo normal, manda logo o doente embora. Às vezes, o cara está com o exame normal, mas a doença se manifestou de outros modos. Hoje em dia se trata o exame e não o doente. Eu faço parte e frequento a Sociedade Brasileira de Radiografia e (?). Essa garotada não sabe examinar radiografia simples.

DN– Carlinhos. Você participou desse movimento todo para fundar a escola. Embora, já tenhamos falado um pouco no começo, cada um buscou conseguir uma vaga para si, resolver um problema para si, mas que beneficiava a todos. E penso que todos tinham consciência disso. Nesse período depois de formado, você continuou tendo alguma atuação coletiva em algum lugar, em alguma representação médica?

CA– Não, representação médica não. Embora, eu tenha me metido em política uma vez. Fiquei como suplente de um vereador. Eu entrei porque queria fazer alguma coisa.

DN– Você foi candidato a vereador aqui no Rio?

CA– Foi no Rio. Partido Nacional dos Aposentados do Brasil. Eu fiquei como suplente. Entrei em um grupo e construí um hospital que emprega 250 pessoas. Isso, eu gosto de fazer, mas, entrar em entidades médicas, associações, é muito blá blá blá. Ir para lá e ficar falando abobrinha. Lembra da Unimed, eu não quis. Não é meu jeito realmente.

DN– Você se aposentou do INSS?

CA– Não, eu trabalhei no município, quase 15 anos no Herculano Pinheiro. Encheu o saco, ficou em obras durante anos. Só se transferia os doentes por causa da obra então, encheu o meu saco. Hoje estou na (?) civil.

DN– Então, você não está mais na medicina?

CA– Só se for alguma emergência. Se chegar alguma emergência eu atendo, mas dar consulta, ambulatório, não é mais comigo. Agora, sou engenheiro.

DN– O hospital que você construiu, você saiu dele ou é lá que você vai eventualmente?

CA– Não, estou lá. Vou todo dia praticamente. O projeto Rio Mar na Barra é um projeto Carlos Alberto. Quem trouxe, a cardiologia para o Rio, quem alavancou foi o (?). O hospital está lá até hoje. No Valqueire está lá até hoje. Um hospital de 10 andares que está encrencado com a vigilância.

DN– Carlinhos, você se lembra de alguma história da faculdade que queira relatar para agente?

CA– Não. Só uma porque hoje é final da Copa do Mundo. Em (?), a final foi Itália e Brasil. Brasil 4 X 1. Itália joga hoje. Nós estávamos assistindo na faculdade, em uma televisão preta e branca. Estavam eu, Nilsinho, Chico, Jóia. Tinha mais gente que eu não me lembro. Nós saímos, o Jóia tinha um jipe e fomos em carreta pela praia do Flamengo até Ipanema. Foi muito bonito. Outra coisa que eu lembro, foi uma briga feia entre o (?) Uma briga no diretório por causa do ping pong. Lembro de uma outra noite em que estávamos estudando no anfiteatro, lá embaixo. Chovia e os filas latindo, A luz apagou, foi um inferno. Os cachorros latindo. A Éster estava. A gente achou que era assombração porque lá tinham episódios de assombração. Você sabe disso, né? Eu já tinha tido aquele episódio do desmaio. Eu desmaiei e me levaram para o Rocha Maia por causa da freira manca. (risos). Eu acordei umas duas horas depois.

DN– Como foi esse fato da assombração mesmo? Alguém botou um lençol e no final tinha mesmo uma.... (risos)

CA– Hoje, eu acho que desmaiei de fome mesmo porque estava muito tempo sem comer. (risos) Juro para você. Esse dia, a gente estava jogando buraco naquela mesa grande. Eu olhei para cima e vi tudo rodar. Mas, eu juro para você que acho que era fome mesmo. Esse negócio do lençol foi outro dia. Tinha um papo lá de que tinha uma freira lá que puxava de uma perna então, eu andava pelos corredores puxando da perna e disseram que eu desmaiei por causa disso. O negócio do lençol foi outra coisa.

AV - Agora me diz uma coisa. Porque é que você foi convidado a se retirar da escola, quando criança?

CA– Quando eu tinha uns 8 anos de idade e morava na Piedade, na rua Paraná. Todo sábado tinha uma feira....

Fita 3 - Lado A

CA– Eu só ficava na escola sábado até 11 horas da manhã e comecei a fazer carroto na feira para ganhar um dinheiro. Fazia em um caixote, depois mudei para caixote de

bacalhau e fazia vários carretos ao mesmo tempo. Quando, eu entrei para o ginásio com uns 11, 12 anos. Eu era coroinha nessa época. No terceiro ano do ginásio, eu tinha um amigo que um tio dele trazia da Suíça uns baralhos de mulher nua e tinha também umas revistas de sacanagem do Carlos Zéfiro. Você se lembra disso? É do seu tempo?

DN– É, meus irmãos liam.

CA– E você também. (risos). Nessa época, eu trabalhava em uma fábrica de colchão e comprava em uma banca lá na porta da UERJ essas revistinhas. Não podia vender para menor, mas, o jornalista ficou meu amigo e me vendia. Então, eu levava para o colégio junto com os baralhos e umas canetinhas que você virava e aparecia a mulher nua. Então, eu alugava igual fita. A eu e meu amigo fizemos uma sociedade. Agente pegava as revistas e baralhos e levava para a escola. Então, eu e meu amigo arrumávamos uma confusão para sermos expulsos de sala e podermos vendermos as revistinhas e os baralhos. Um dia, estávamos no banheiro das meninas porque as meninas todos queriam ver essas coisas também. Estava um alvoroço e o (?) pegou e disse que eu seria expulso. Não tinha outra solução para mim, não é? Tinha que ser expulso. Eu estava na metade do terceiro ano primário. Fui para o São Paulo apóstolo no Méier. Eu apanhei muito por causa disso. Depois, quando terminei o terceiro, fui para o Colégio Brasília. Depois fiz concurso e entrei no Pedro II.

DN– Mais uma coisinha só. Quando você no início da entrevista falamos do regime militar e tal. Você apoiou a escolha do Médici como patrono?

CA– Não, eu não estava lá. Nem soube. Foi o que eu te falei. No quarto ano eu me afastei porque eu não tinha tempo. Eu fiquei sabendo que ele foi patrono da gente no dia da formatura. Me afastei de tudo, nem sei quem foi da comissão de festa. Sei que teve um lance de desvio de dinheiro.

DN– Na formatura?

CA– É. Quem deve saber disso é o Chico e o Guido. Pode apurar isso que você vai chegar lá.

DN– Você participou Edvaldo?

EO – Não participei diretamente, mas, eu era colaborador. Eu fui fazer o contato com o fotografo, com o cerimonial. Mas, a escolha do Médici só fiquei sabendo muito tempo depois. Fui uma coisa fechada pela comissão de formatura.

DN– Quem foi essa comissão?

CA– Guido e Chico estavam na frente. Você tem que perguntar a eles. Tem que se chegar a uma conclusão se foi imposto ou sugerido, Dilene!

DN– Eu sei. Como eu estou fazendo a entrevista como você, estou perguntando a sua opinião e estou aproveitando a perguntando a do Edvaldo.

CA– Sim. Mas, eu realmente não vi e não participei. Mas, que estou satisfeito sim. Vou no governo dele que a gente se formou médico. Será que se fosse outro a gente conseguiria?

DN– Não tem como saber. Bom, eu sei que não foi imposto. Isso pelas entrevistas que a gente já fez. Foi uma sugestão e as pessoas em geral concordaram.

CA– Quem é o ministro hoje da educação? Ninguém sabe porque não tem expressão, entende? As pessoas só sabem até o Buarque.

EO – Que foi um grande cara.

A – Cristovam Buarque.

CA– Ninguém sabe. Talvez se a gente resolvesse fazer a mesma coisa que a 35 anos atrás agente teria o mesmo respaldo?

DN– Mas, isso não tem como saber. Não tem mesmo.

CA– Então por que o cara não pode ser patrono? É claro que pode ser!

DN– Mas, ninguém disse que não pode a gente só está perguntando. Pedindo a opinião de cada um. Porque cada presidente da república tem um significado para o país. Porque então, escolher um e não o outro? Entendeu?

CA– Porque em 1976 já era o Geisel e não mais o Médici.

AV – Mas, a escola foi criada no governo dele.

DN– Não. A escola foi criada no período do Costa e Silva, mas, ela começou no do Médici. O decreto que oficializou a escola, que criou a escola foi no final do Governo Costa e Silva. Bem, eu estou satisfeita.

CA - Bem, pelo que vocês me pagaram está bom. Vão aí mais de duas horas. (risos)

DN– Você fala isso e os outros vão pensar que você foi pago mesmo (risos)

CA– Mas, fui mesmo. Com a sua presença, com a do Edvaldo. (risos)

DN– Bem, Carlinhos quero lhe agradecer. Agradecer a contribuição do Edvaldo também. A gente não estava esperando, mas funcionou e quero agradecer. Ta?

EO – Claro.